

## **“Desafinando o coro dos contentes”**

Torquato Neto e a produção cultural brasileira nas décadas de 1960-70.

**Valéria Aparecida Alves \***

Durante o final dos anos 50 e início dos anos 70 o Brasil vivenciou uma série de transformações. No cenário político, o fim do período democrático, a partir do golpe militar de 1964 e implantação da Ditadura Militar. Na área econômica, a adoção da política desenvolvimentista iniciada no governo Juscelino Kubitschek e ampliada pelos militares, resultando no “Milagre Econômico”. Tais transformações foram amplamente discutidas, analisadas e questionadas em diversos setores da sociedade brasileira, em especial, estudantes, artistas e intelectuais. Influenciados pelo discurso das esquerdas, militantes ou não do Partido Comunista Brasileiro, muitos engajaram-se no projeto de transformação social, a partir do combate ao imperialismo norte-americano e da necessidade de ampliar a conscientização das massas.

Desta proposta, por iniciativa do movimento estudantil, representado na UNE, surgiu o Centro Popular de Cultura, com o objetivo de ampliar o debate sobre os dilemas brasileiros e a necessidade de mudança, através da arte: música, cinema, teatro e literatura. Proposta polêmica que resultou em amplo debate – principalmente durante a década de 60 – sobre a arte, a linguagem estética e a função social do artista. Se alguns artistas e intelectuais defenderam e posicionaram-se a favor da proposta cepecista, por outro lado muitos a rejeitaram, considerando-a “autoritária” e “limitadora” do processo criativo.

Em meio às discussões, arte e política se confundiam, e novas polêmicas surgiram, com o surgimento da *Jovem Guarda* – sucesso imediato, constatado na venda de discos e na audiência do programa exibido pela TV Record -, o novo movimento musical foi considerado por muitos como “alienado” e “alienante”, sendo “apenas um produto comercial”. O debate era ampliado pelo crescente desenvolvimento e consolidação da indústria cultural.

No cenário musical as polêmicas desenvolveram-se no palco dos festivais da canção, promovidos pelas emissoras de TV. Espaço privilegiado para as discussões e defesa das diversas propostas sobre os rumos da Música Popular Brasileira. Marca da

movimentação cultural da década de 1960, os festivais mais importantes ocorreram entre 1967 e 1968, promovidos pela TV Record e TV Globo. Neste período ocorreu a “explosão tropicalista”, que ampliou significativamente o debate no cenário musical. A renovação proposta pelo movimento foi, e, ainda, tem sido alvo de inúmeras discussões. Questionando os padrões estabelecidos pela proposta denominada “engajada”, herdeira dos ideais do manifesto do CPC da UNE, propondo a reflexão sobre a tradição e cultura brasileira, assumindo o desafio de elaborar o “som universal”, através da fusão dos elementos da cultura nacional e internacional, inclusive com a incorporação dos instrumentos elétricos, desenvolveram uma nova linguagem estética, reunindo de forma indissociável som e imagem, a canção e a performance – através do vestuário, gestual, eram fundamentais no processo criativo do tropicalismo musical. Sintonizados com os meios de comunicação, principalmente a TV, modernizaram a Música Popular Brasileira, que a partir das primeiras apresentações tropicalistas, nunca mais foi a mesma.

E em meio às transformações políticas, econômicas e culturais, os escritos de Torquato Neto – diários, cartas, colunas e canções -, revelam-se documentos importantes para a análise deste período. Através de seus textos, com linguagem informal, criativa e irônica, tornou-se “cronista” de sua época, registrando suas observações, análise e críticas, no período de efervescência da produção cultural brasileira.

Foi participante ativo de movimentos que repercutiram e, ainda, repercutem polêmicas: Tropicália, Contracultura, Cinema Super-8. Atuou na grande imprensa – *Correio da Manhã*, *Jornal dos Sports* e *Última Hora* e na imprensa alternativa – *Presença* e *Navilouca*. Com seu discurso, defendeu o samba, a tradição, a “linha evolutiva”, os direitos autorais e os filmes em super-8. Criticou, de forma intransigente e agressiva, o *Cinema Novo* e *Jovem Guarda*, através de seus comentários depreciava o “fenômeno musical”, enfatizando que faltava aos seus representantes a criação propriamente dita, ou seja originalidade e pesquisa. Acusava o movimento de copiar, simplesmente, o *rock* internacional e de ter preocupação meramente mercadológica. Condenou a imitação, a passividade e o conformismo, propondo como estratégia de resistência a atualização, através da pesquisa e da renovação do processo criativo.

Torquato Neto não estava interessado em produzir para “conscientizar as massas”. Não defendia a “arte revolucionária” nos moldes do CPC da UNE, sua produção tinha como “público-alvo” a classe média urbana. Mas, acreditava que através da arte era possível “quebrar preconceitos”. Sua produção questionava, principalmente, os valores “burgueses”, grupo com quem dialogava. Diferentemente de Hélio Oiticica e Waly Salomão, com quem desenvolveu parcerias e projetos, Torquato Neto não “subiu o morro”, não aproximou-se das camadas mais pobres. Portanto, não estava atento às manifestações populares. Seus textos – colunas – divulgava e discutia a produção cultural de um universo mais “restrito”, exclusivo de uma minoria – seu público (leitores) eram, predominantemente, universitários. Seu discurso pode ser classificado como “libertário” e “anárquico”, mas, não preocupado com as mudanças estruturais da sociedade.

Ao longo da pesquisa buscou-se analisar a produção cultural durante a vigência da Ditadura Militar no Brasil. Pretendeu-se discutir as propostas e comportamento assumido por artistas e intelectuais na resistência. O desenvolvimento da pesquisa revelou que mesmo após a edição do AI-5, em dezembro de 1968, quando a repressão e a censura foram ampliadas no Brasil, muitos artistas e intelectuais protestaram contra a ordem estabelecida, a partir da criação, assumindo a defesa de que “*Criar é resistir*”. Produziram à margem, buscaram espaços alternativos, criaram uma nova linguagem estética. Reivindicavam liberdade, em todos os sentidos e Torquato Neto foi “porta-voz” dessa defesa.

**Palavras-chave:** Ditadura Militar; Torquato Neto; Produção Cultural – 1960-70; Música Popular Brasileira; Tropicália e Contracultura.

---

\* Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP – Aluna do Programa de Pós-Graduação em História - Bolsista CAPES.